

## Editorial

Como não se pode ignorar ao menos desde Mallarmé e sua “crise de versos”, a relação entre a poesia, o poeta, a linguagem e o mundo é uma relação crítica. A organização de um número tendo por tema *Poéticas contemporâneas: diálogos, rumos e tendências* visa justamente entender como essa relação crítica vem se desenhando na poesia que se faz hoje e como vem sendo lida por pesquisadores de nossa área. Recebemos inúmeros trabalhos, procedemos à seleção, e parece-nos que constituímos uma amostra bastante interessante, que põe em diálogo poetas modernos e contemporâneos, poetas de obra já consolidada, com fortuna crítica exuberante, e poetas cuja obra permanece ainda à margem do cânone, mas cujo vigor, justamente, nossos pesquisadores vêm demonstrar.

Marcos Siscar analisa a obra do poeta e filósofo francês Michel Deguy, dos anos 1960 até 2004, ressaltando o ponto de vista crítico do escritor em face das diversas figuras do “progresso” técnico no mundo contemporâneo e apresentando a perspectiva “humanista” de sua poesia. Michel Collot reflete sobre as relações entre a linguagem e as coisas na poesia francesa, abordando a obra de poetas modernos e contemporâneos como Baudelaire, Rimbaud, Ponge e Du Bouchet. Izabela Leal constrói relações entre as obras de Herberto Helder e Antonin Artaud, sublinhando a dimensão transgressora e vital de ambas, que não se querem simplesmente obras de arte, mas agentes de inquietação, atuando, não sem violência, sobre os corpos e mentes de seus leitores. Celia Pedrosa relê cartas, ensaios e biografias escritas por Paulo Leminski, reativando, também, os vínculos entre experiência e linguagem, e questionando, com o poeta, as fronteiras da cultura e a própria idéia de contemporaneidade. Paulo Andrade trabalha, a partir de uma trama teórico-crítica bastante rica, a tensão com a tradição que permeia a obra poética de Sebastião Uchoa Leite, e mostra como é daí que o poeta retira recursos para produzir imagens do mundo. Antonio Andrade parte do ensaio de Haroldo de Campos sobre Hegel para tecer considerações sobre a aproximação da poesia haroldiana com o neobarroco e sobre a própria fronteira entre a poesia e o ensaio na atualidade. Milena Magalhães revela, na contramão de certas tendências críticas, o trabalho de depura-

ção de linguagem presente na obra de Cacaso. Beatriz Lagôa retorna a Paul Klee para investigar o modo como, em sua obra, o traço, desdobrando-se no tempo e no espaço, vem exigir a participação do espectador. Fechando a série de artigos, Fabio Pierangeli apresenta ao público brasileiro o poeta siciliano Salvatore Martino (1940).

Como um presente ao leitor, apresentamos neste número duas traduções: a das chamadas *Cartas do vidente*, de Rimbaud, referidas não por acaso em três dos artigos, e a de uma iluminada *Carta à vidente*, de Juan José Saer, para a qual, não temos dúvida, o leitor curioso de poesia há de se dirigir rapidamente...

Os Editores